



Estruturação da Personalidade e Criatividade

Isolina Borges*

Introdução

Personalidade, estruturação e criatividade são conceitos tão abrangentes de *per si*, que em qualquer forma de abordagem que não seja de aprofundamento, apenas se podem referir alguns contornos sem pretensões de ultrapassar a reflexão, que será o objectivo deste trabalho. Desejaríamos, naturalmente, que essa reflexão pudesse ser fonte de discussão, o que só por si justificaria debruçarmo-nos sobre o tema.

Tentemos, assim, introduzir as noções básicas implícitas naquele título referenciando-as ao senso comum. De facto, como é sabido, a personalidade, em termos globais o modo de ser de cada um, é amplamente focada a nível das ciências humanas, sobretudo em psicologia e áreas afins. Individual e dinâmica, implica, no decorrer do seu processo, para alguns autores, níveis de estruturação, de organização e coesão, o que vai garantir substancialidade no espaço e continuidade no tempo. Aquela estruturação tem a ver com a noção básica de estrutura delimitada diversamente consoante o modelo teórico em que se insere. Amplia-se a partir do estruturalismo nascido no princípio do século, das necessidades de um modelo científico exigido pelos progressos da linguística. Foi com Lévi Strauss, na década de 50, que o conceito de estruturação se alongou às Ciências Sociais e Humanas na medida em que os próprios fenómenos sociais constituem uma linguagem entre si.

Referindo-nos ao acto de criar, que se concretiza em obras de arte, sob as mais variadas formas, na invenção científica ou na escolha de estratégias variadas para melhor e mais rentável adaptação dos sujeitos ao meio, consideramos que é um acto que manifesta de modo relevante um dos aspectos mais interessantes do ser humano, traduzindo-se pela originalidade de pensamento a que não é alheio o imaginário de cada um.

Justificada nesta nota introdutória a ligação das três áreas - personalidade, estruturação e criatividade - questionemo-nos sobre a oportunidade actual da sua discussão.

Personalidade e questões relativas à sua "construção"

Não duvidamos de que o modo de ser de cada um de nós pressupõe um suporte

* Professora Jubilada da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

somático e se concretiza nos seres humanos à medida que estes, após o nascimento, crescem, vivem e morrem. Foi delineado - e vamos sabendo até que ponto - pelo património genético com história própria, e sofre em todo o seu crescimento a influência do meio. Quer isto dizer que, precisou, desde o início, de um universo de estímulos transmitidos, quer por pessoas, quer por objectos sem os quais não faria o seu percurso vital.

Crescendo, define-se em termos cognitivos e sócio-emotivos de modo suficientemente consistente para fazer opções, o que implica, indubitavelmente o acto de pensar, tão enfatizado pelos filósofos, o acto de sentir, presente nas emoções, e a capacidade de interagir com o meio que se manifesta desde o princípio da vida. O processo mantém-se dinâmico ao longo da existência.

Em última análise, o seu suporte lógico está, segundo Damásio*, no cérebro, e a sua coerência interna e respectivo desenvolvimento dependem da integridade cerebral como condição necessária que, como tal, não é, do nosso ponto de vista, exaustivamente explicativa.

Num salto para o infinito muito específico do ser humano e tão significativo das suas potencialidades, que é a passagem para a teoria, questionam-se definições relativas à personalidade sobretudo aos seus limites, pois tudo - cognição, emoção, comportamentos significativos, sentimentos - está interligado, sendo esta totalidade uma das razões das dificuldades do conhecimento completo do ser humano e portanto, da respectiva conceptualização.

Neste sentido, os modelos teóricos têm ganho corpo em ordem à organização da personalidade, quer esta se conceba em termos mais gerais ou em termos mais específicos. A tendência é, compreensivelmente, no sentido da especificidade.

Assim se modelaram a partir das primeiras décadas do século, perspectivas, ora de tradição empírica ou mecanicista como o behaviorismo, ora de tradição organísmica, como o maturacionismo, e mesmo a psicanálise, no seguimento das quais surgiram desenvolvimentos com interesse dominante nesta reflexão, cada vez mais configurada nos nossos dias, por um lado à realidade empírica, por outro às preocupações de carácter epistemológico ainda não dispensáveis nesta área de saber.

De um modo geral, observam-se os comportamentos humanos nas suas múltiplas vertentes, tendo como preocupação de fundo o estudo do funcionamento de cada sujeito no seu processo histórico. Os objectivos atingidos dependem não só do evoluir dos métodos teóricos, como dos avanços tecnológicos e adequação dos respectivos planos metodológicos.

No início do processo de cientificação da psicologia, a personalidade aparece ligada a instrumentos suporte para caracterizar os comportamentos dos sujeitos com intenções de pesquisa e de aplicação prática nalgumas áreas da psicologia. Por exemplo, equacionando a inteligência em termos globais e, posteriormente, em termos de

* Damásio, A. (1995), *O Erro de Descartes*, Lisboa, Pub. Europa América.

análise de factores, através de testes e questionários, e procurando motivações mais profundas dos comportamentos nas técnicas projectivas ou testes de personalidade.

São instrumentos constantemente actualizados, de alcance pragmático notável, afinando-se por um lado, reforçando ou infirmando hipóteses por outro. Agrupados muitas vezes em baterias, ligam-se à medida e à concretização de algumas das suas manifestações, o que dá acesso ao conhecimento imediato e directo do modo como a personalidade se revela.

Entretanto no percurso desta conceptualização emerge o conceito de *self* a partir, quer de teorias de inspiração psicanalista, quer da perspectiva cognitivo-desenvolvimental, quer de perspectivas de pendor funcionalista. É “o constructo através do qual o indivíduo organiza o conhecimento da sua natureza única e distinta do outro...”*

A construção do *self* é gradual, forma-se a partir dos primeiros meses de vida, tornando-se progressivamente complexa à medida que se aborda a construção da identidade que implica o auto-conhecimento envolvendo a auto-avaliação e a auto-estima, e consoante se tratam vertentes diversificadas com implicações igualmente diversificadas no estudo dos comportamentos e nas pesquisas que os modelos teóricos analisam.

Apesar dos avanços, e tendo em conta os limites teóricos e práticos do conceito *self*, é oportuno considerar que o *Homo Sapiens* participa de um universo não totalmente conhecido e que o diálogo do homem com este universo ainda é incipiente**.

Na verdade as leis da natureza conhecidas e os modelos mais actuais e sofisticados, deixam, tal como acontece com a própria crosta terrestre, falhas significativas de incompletude não só de tudo o que rodeia o homem como do próprio homem.

De um facto parece não haver dúvidas. Segundo Dawkins*** os genes da espécie humana são, relativamente às outras espécies animais, francamente mais agressivos o que lhe permite existir como espécie que domina as outras espécies e de certo modo as pode controlar. O seu poder só é posto em questão quando cataclismos naturais ou fenómenos de grupo não previsíveis constituem um impedimento.

As pesquisas de Dawkins têm a ver com o Darwinismo e à ênfase que este cientista deu à adaptação: as espécies evoluem em função da sua capacidade de adaptação ao meio. Este pressuposto, independentemente de inúmeras e consistentes críticas na época, deixou apesar de tudo, traços definitivos. Integrado com múltiplas alterações e restrições nas ciências humanas, concluiu-se que, de facto, sem um mínimo de capacidades adaptativas não só as espécies não evoluem, como na espécie humana os sujeitos não se desenvolvem de acordo com as suas possibilidades globais. Por essa

* Damon, W. (1983), *Social and personality development: Infancy through adolescence*. New York: W.W. Norton & Co., p.83.

** Sammeroff, A. J. (1982), *Development and the dialectica: the need for a systems approach*. In W. A. Collins (ed.), *The concept of development*. Hillsdale, N. J: Erlbaum.

*** Dawkins, R. (1976), *The selfish gene*. Oxford: Oxford University Press.

razão, no momento actual as pesquisas incidem fortemente na aptidão para a mudança que se manifesta na interacção com o meio, e tem implicações observáveis no próprio meio e nos seus diferentes contextos. Fazem-se sentir igualmente a nível do progresso científico nas diferentes áreas do saber.

Aceitando este pressuposto, verifiquemo-lo com os estudos actuais sobre a cognição, que nos dão dimensões francamente mais precisas em relação àquilo que há três décadas atrás sabíamos sobre os processos cognitivos.

Passando pela necessidade teórica, tratada sobremaneira no Construtivismo Genético*, de considerar a inteligência como sistema de transformações, regida entre outros factores pela auto-regulação presente nos seres vivos, o cognitivismo tornou precisos, utilizando a metodologia experimental, os seus objectivos. Aborda o estudo de como a informação é mentalmente representada e processada, na medida em que a sua validade nos é dada através de sistemas complexos que interpretam a informação sensorial. Ao debruçar-se sobre aqueles processos contribui para dar ao acto de pensar a amplitude que permite integrar as emoções no que elas têm de matriz em relação ao acto de conhecer.

De facto, até aos anos 70, e não obstante as chamadas de atenção de René Spitz**, Henri Wallon*** e do etologista Bowlby**** entre outros, a emoção não se constituiu como uma área de conceptualização com particular relevância.

Estudos recentes sobre este tema concluíram que a emoção não só é uma entidade construtora do cognitivo como participa activamente no seu desenvolvimento: as emoções regulam processos internos, influenciando a selecção da informação a partir do que é mais importante para o organismo individual num dado momento, regulam comportamentos sociais e psicossociais e são especificadas através de padrões de expressões faciais, vocais ou gestuais. Considera-se assim como um processo interno regulador, quer a nível da aquisição da informação, quer a nível dos comportamentos em geral, bem como um diferenciador, na medida em que exprime a reacção a diferentes estímulos sob forma de modelos insubstituíveis através de um processo de codificação refinado*****.

Quer isto dizer que quando se refere que alguém é *inteligente*, pressupondo-se que esse alguém é mais *inteligente do que*, não nos estamos a referir apenas à competência a nível das estruturas lógicas, mas também ao nível de integração dos estímulos que advêm de todas as experiências de vida. Podemos, assim, inferir que de um ponto de vista epistemológico a personalidade pode ser encarada enquanto conjunto de processos cognitivos, na medida em que as pesquisas mais actuais sobre

* Piaget, J. Inhelder, B. e Sinclair (1975), *Études d'Epistemologie Génétique*, Vol. XXXIII: *L'équilibration de Structures Cognitives - Problème central du Développement*. Paris: PUF.

** Spitz, R. (1970), *De la naissance à la parole*. Paris: PUF.

*** Wallon, H. (1978), *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70 (Originalmente publicado em 1941).

**** Bowlby, J. (1969), *A Attachment and Loss* (Vol I). Londres: Hogarth.

***** Campos, J. J., Barret, K. C., Lamb, M. F., Goldsmith, H.H. & Stenley, C. (1983), *Social emotional development*. In P. H. Mussen (Ed.), *Handbook of Child Psychology*. New York: Wiley.

os conteúdos desses mesmos processos se confrontam com outros espaços como as emoções e as implicações da vida social.

Verificamos assim que em relação à personalidade se levantam hipóteses de maior amplitude informativa na medida em que os espaços de convergência são cada vez menos restritos, ultrapassando necessidades teóricas e reforçando ilações práticas nomeadamente das áreas da Psicologia Clínica e da Psicologia da Educação.

Inteligência e emoção, emoção e meio ambiente, teoria e *praxis* aparecem estudadas com fronteiras menos rígidas e mais aprofundadas, e não só no cognitivismo se avança francamente, também noutros modelos os pontos de chegada são cada vez mais informativos.

Exemplifiquemo-nos com os avanços de abordagem da teoria do ciclo vital ou *life-span** segundo o qual o desenvolvimento psicológico não é propriamente orientado com objectivos únicos e universais. Deve-se antes tender a um pluralismo que aceite a simultaneidade dos diferentes pressupostos teóricos, sendo deste modo menos restritivo que os modelos mecanicistas de base empirista e mais aberto à influência do meio que os modelos organísmicos de base maturacionista. Neste sentido põe em relevo a influência dos momentos culturais da geração a que se pertence. Valoriza sobremaneira a capacidade de mudança e de adaptação aos diferentes espaços e às diferentes tarefas a realizar e salienta tanto a importância da hereditariedade no sentido genético, como a importância do meio ambiente com relevância para a aprendizagem. Procura integrar aspectos desenvolvimentais presentes na génese de construtos que constituem o *self* que já referimos.

Se acrescentarmos o contributo da Etologia, que ressalta a ligação do desenvolvimento da espécie (filogénese) com o desenvolvimento do indivíduo (ontogénese), constataremos o confluir de diferentes áreas do saber para a abordagem da personalidade. Nas pesquisas deste modelo, inicialmente vocacionadas para o estudo da vida animal, pretende-se obter imagens globais das espécies a partir de comportamentos concretos inserindo estes na conduta global do indivíduo e no meio ambiente ao qual se adapta. São exemplo certos comportamentos ligados ao ser humano e significativos da luta pela sobrevivência: alguns sinais de actividade reflexa do recém-nascido algures existentes, as competências perceptivas do recém-nascido, e resquícios do modo como as crias humanas terão estabelecido relações emocionais nos primórdios da espécie.

Por sua vez, a perspectiva ecológica exprime a necessidade de uma compreensão o mais ampla possível das influências do meio e o sentido bidireccional dessas influências, assim como da influência de todas as realidades concretas que estiveram e estão presentes no percurso do ser humano em desenvolvimento.

E neste processo não podemos separar a dinâmica da construção da personalidade das questões da identidade. Poderemos mesmo localizá-la aí, e relembrar as etapas

* Scarr, S. McCartney, K., (1983), How people make their own environments: a theory of genotype - environment effects. *Child Development*, 54, 424-435.

necessárias à identidade, postas em relevo pelo psicanalista e antropologista Erik Erikson*, no seu diagrama epigenético onde a bipolaridade está implícita. A identidade expressa na adolescência com êxito, implica, entre outros dados, no processo de desenvolvimento, confiança básica no outro, autonomia e iniciativa; evolui na idade adulta no sentido da criatividade e integridade. Desenvolvimentos opostos a estes são determinantes numa identidade deficientemente conseguida.

Ainda nesta linha e considerando as diferentes fases que o ser humano atravessa - infância, adolescência, estado de adulto, velhice - têm-se vindo a rever os chamados períodos críticos. Afinal têm a ver com mudanças nem sempre significativas de descontinuidade. São antes uma constante que acaba por dar à personalidade uma área permanente de espaços vitais de onde irradiam comportamentos sempre diferentes, embora específicos, e onde se trabalham as múltiplas reacções aos mais variados estímulos.

Talvez possamos então tirar ilações no sentido de que constituintes do conceito de personalidade evoluíram em ordem à análise do *self* e à construção da identidade e que nos nossos dias a abundância de diferentes vertentes observáveis do *self* levam a enfatizar a identidade como área de estudo melhor delimitada e, assim sendo, mais susceptível de pesquisas no contexto.

Queremos também acrescentar que a maior parte das pesquisas se orientam na linha de que no ser humano, à semelhança das outras espécies animais, o código genético e o meio se definem na sua complementariedade. Este meio onde têm papel importante os objectos fontes de estímulo, é sobretudo demarcado pelo meio humano enquanto vertente social, pelo que a interacção entre os seres humanos desde o nascimento é, como na maior parte das espécies animal, insubstituível.

A estruturação da personalidade: alguns aspectos

Podemos, no seguimento do que temos vindo a referir, pôr a hipótese de que o sujeito inicia o processo de identidade quando interage com o meio ao nascer, quando na infância diz não, quando se afirma, quando se opõe, quando num olhar retrospectivo não tem dúvidas de que fez um percurso vital.

Mais concretamente, que modelos teóricos enfatizaram a noção de estrutura?

Esta questão obriga-nos a revisões sobre os modelos clássicos de Psicologia do Desenvolvimento. Vejamos alguns.

O Construtivismo Genético faz coincidir os estádios de desenvolvimento cognitivo com estruturas delimitadas por invariantes funcionais por um lado, e, por outro, com pontos de chegada que são a base do estádio seguinte integrando os anteriores dinamizando deste modo o próprio conceito de estádio no sentido de estrutura. Por

* Erik Erikson, E. (1976), *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

exemplo, a criança não utiliza o símbolo como significante sem ter vivenciado etapas de estágio sensório-motor, e não atinge o operatório concreto sem integrar a actividade simbólica.

Na obra de Freud e dos seus continuadores da psicanálise não há a preocupação de definir conceito de estágio no sentido de estruturas básicas. E, no entanto, os espaços estruturantes estavam nas implicações genéticas (considerando-se aqui genético no sentido da génese do psiquismo) dos processos primário - referidos ao sistema inconsciente - e secundário - referido aos sistemas pré-consciente e consciente - assim como nas instâncias da libido, ego e super ego. É na definição destes processos que podem ser encontradas as noções da psicanálise, que permitem a explicação do próprio fenómeno do conhecimento.

A noção de estrutura em Freud tem uma mobilidade ilimitada, dependendo fundamentalmente do aparelho psíquico cujas manifestações são expressas no âmbito da psicopatologia com ilações para a psicologia em geral.

E em que termos se põe a gestão da estruturação da personalidade quando nos posicionamos na teoria perspectivada pela *Teoria da Aprendizagem Social*? Aí domina a influência do meio e da aprendizagem por modelos, e as etapas de crescimento não só não seguem uma única via, como em si mesmas não constituem propriamente uma estrutura; são determinadas fundamentalmente pela interacção com o meio.

Todavia, qualquer que seja o modelo, uma vez estabelecida a relação com o meio humano e realizadas aprendizagens básicas, a "personalidade" desenvolve-se, vai-se organizando ou estruturando pela vida fora assumindo o seu fulcro. Se delimitarmos este fulcro ao *self* - ou consciência de si, em sentido amplo - verificamos que o sentido da estruturação desse mesmo *self* nas diferentes vertentes, parece ultrapassar a noção de estrutura básica na medida em que o *self* implica um evoluir complexo e específico no tempo.

Situando-nos numa perspectiva contextual e interaccionista, verificamos que é a capacidade de adaptação à mudança que acaba por gerir de certo modo o seu desenvolvimento. Se o ambiente (de grupo ou outros) se altera, o mais frequente é o ser humano adaptar-se. Dentro de limites, claro, e no âmbito desses limites há muita pesquisa ainda a realizar.

Aliás esperam-nos (e o futuro é sempre essa espera), períodos em que o ritmo de vida prossegue, no sentido não só de mudanças em relação ao exterior mas também em relação a mudanças internas, regidas ou não pela competição, mas que exigem auto-análise constante e competências preditivas e avaliativas para melhor integração de novas experiências. É uma conquista e uma exigência que na história do ser humano sempre estiveram presentes e que está na linha dos genes da espécie.

E a criatividade? Como participa na construção da personalidade?

Referimo-nos no início deste trabalho ao acto de criar concretizado na obra de arte, na invenção científica e na escolha de estratégias variadas para melhor adaptação ao meio.

Deste modo, pressupomos que a criatividade participa na construção da identidade, pelo menos de forma latente. Como entidade psicológica é abordada sobretudo a partir do estudo e questionamento de aptidões humanas.

Nesta linha, e apenas a título de referência, como não pode deixar de ser neste contexto, salientamos Guilford, que na década de sessenta dirigiu o "Aptitudes Research Project" com intenção de explorar algumas áreas menos conhecidas da cognição*.

A propósito de um modelo de estrutura da inteligência na linha da ênfase dada à análise factorial (que põe em questão conceitos até aí determinantes ligados à obtenção do Q.I.), Guilford aborda a criatividade. O modelo proposto é tridimensional classificando as aptidões da inteligência segundo três dimensões que se interligam: operação (que diz respeito a processos intelectuais que o sujeito utiliza no processamento da informação recebida), conteúdo (áreas essenciais da informação) e produto (forma que a informação adquire).

Cada dimensão possui tipos ou categorias específicas. Da dimensão operação fazem parte as categorias da cognição, memória, produção divergente, produção convergente e avaliação.

Segundo as pesquisas de Guilford, as aptidões criativas encontram-se na produção divergente; ou seja, no espaço de "formulação de alternativas variadas em quantidade e qualidade a partir de determinada informação"***.

Pondo em relevo este espaço, o autor salienta também as suas implicações a nível do ensino. Não se verificando sintonia entre o potencial criativo e os quocientes de inteligência, é uma dimensão nova a explorar pelos professores e a considerar na programação das matérias.

A partir da importância dada por Guilford à categoria de produção divergente, foi aberto um espaço teórico-prático em discussão pelos modelos em Psicologia, sobretudo nos que implicam o processamento da informação a nível cognitivo.

Outros autores referem a criatividade como intuição no sentido do mecanismo misterioso através do qual chegamos à solução de um problema sem raciocinar logicamente sobre ele. Mas este sem raciocinar exige bases somato-neurológicas assim como selecções e opções sofisticadas a nível neurológico.

Referindo-se à criação matemática alguns especialistas referem que esta não consiste na realização de novas combinações lógicas, mas em discernir ou escolher especificadamente, prescindindo de combinações inúteis.

* Gomes, J. F. (1975), *A estrutura de inteligência e da criatividade*. Casa do Castelo: Ed. Coimbra.

** Almeida, L. S. (1988), *Teoria da Inteligência*, Porto: Ed. Jornal de Psicologia, p.91.

De facto parece haver pré-selecções ocultas pelo que alguns biólogos afirmam que o cientista criador tem muito em comum com o artista e o poeta, e que os processos criativos em que se baseia o progresso da ciência actuam a nível do subconsciente.

Na verdade, segundo os psicanalistas, a obra de arte não surge do imediato das vivências pessoais, nem emerge do nada. Advêm de um todo mediador a partir da incompletude das experiências que fazem parte, como diria Winnicott, de uma área transaccional do *self*, com função eventualmente reparadora*.

Mas ainda segundo Damásio, antes das combinações lógicas está a regulação biológica básica, depois as tomadas de decisão que implicam sistemas neurológicos e se referem à área pessoal e social; finalmente o acto de criar tem a ver com operações abstractas simbólicas.

De facto, nos seres humanos a criatividade demonstra o funcionamento integrado de diversas combinações; quer os impulsos biológicos quer as emoções podem influenciar as tomadas de decisão. E de novo encontramos a interligação entre a biologia, o cognitivo e a emoção. Afinal criar parece ser um modelo "inventado" de estar nos afectos, nas situações, no mundo dos objectos.

Por sua vez cada espaço cultural e cada época mediatizam de maneira diferente as diferentes experiências entre diferentes áreas, pois todas as interacções participam do ambiente vivido.

É nesta dialéctica entre o que é contextual e a capacidade de ser criativo, presente em cada ser, que reside o avanço para o grande desafio de incentivar a tomada de consciência de cada sujeito, de cada grupo, de cada instituição, como altamente competente na sua adaptabilidade, e detentor de abertura aos estímulos externos e internos.

* Luzes, P. (1986), Motivo-estético e Neurose. *Revista Portuguesa de Psicanálise*. Ed. Apontamento.